

Filosofia, impossível defini-la

Gonçalo Armijos Palácios/VFG

Resumo

Neste artigo apresento vários argumentos para provar que toda tentativa de definir a filosofia está fadada ao fracasso.

Abstract

In this article I present several arguments in order to show that any aim at defining Philosophy is doomed.

Aqui no Brasil, lamentavelmente, não é muito comum que os colegas comentem os trabalhos de seus pares, o que é costumeiro noutros países. Costumeiro, salutar e necessário para o próprio desenvolvimento do trabalho filosófico num determinado país, região ou continente. De outro lado, quando alguém comenta publicamente o trabalho de um colega, existe a expectativa de que o comentário seja feito para atacá-lo ou adulá-lo. O conteúdo do meu artigo mostrará, sem dúvida, que existem outras alternativas.

Considero, sim, fundamental o debate aberto e sério, tanto na filosofia como nas outras áreas da atividade acadêmica. Pois é o debate que traz esclarecimentos, levanta questões, nos chama a atenção tanto sobre os pontos fracos como sobre os elementos fortes das nossas posições teóricas. É o debate, numa palavra, que nos permite progredir intelectualmente. E é esse o aspecto mais importante da crítica. Criticar significa, estritamente, pôr limites,

separar, isto é, determinar fronteiras, descobrir até onde nos levam os caminhos por nós traçados e vislumbrar ou apontar saídas e soluções diferentes. É isto que pretendo neste artigo: fazer uma crítica do artigo do Prof. Joel P. de Ulhôa, uma crítica construtiva que se propõe explicar por que e até onde acompanho sua caminhada e por que não o acompanho noutras direções. Um artigo ruim ou opaco não merece comentários. O fato de eu me expandir nas minhas considerações já mostra, por si só, o quanto foi estimulante o artigo que comentei¹ e, pode notar-se, o quanto gostei de lê-lo e analisá-lo.

Nestes últimos anos estou dedicando-me ao problema da significação de 'filosofia'. E, por coincidência, um par de semanas atrás apresentei no I Congresso Latino-Americano de Filosofia um trabalho

¹ULHÔA, Joel Pimentel de. Refletindo sobre o trabalho de filosofar. *Cadernos do ICHL*. Série Filosofia, Goiânia, n.1, p. 5-10, 1995.

intitulado "A indefinibilidade da filosofia".² (Eu não vou repetir aqui os argumentos daquele trabalho, que será publicado proximamente.)

Nestas páginas, vou tentar mostrar, brevemente, por que discordo da posição que afirma a possibilidade de definirmos o que é filosofia.

Adianto algumas razões. Em geral, as definições de filosofia oferecidas são ou muito abrangentes e permitem a inclusão de disciplinas não filosóficas, ou muito restritas, e deixam de fora teorias de cujo estatuto filosófico ninguém duvidaria. Um exemplo do primeiro caso é a definição de filosofia como 'amor à sabedoria'. Obviamente, não só a filosofia é amor à sabedoria, mas também a física, as matemáticas, a astronomia, e um sem-número de disciplinas. Esta definição falha por ser muito abrangente. A definição do colega Joel apresenta o segundo problema: deixa de fora teorias que ninguém poderia negar serem filosóficas.

Segundo a definição do colega, a filosofia é "um sistema coerente de conceitos e princípios teóricos, muito bem articulados entre si e

voltados para a explicação da essência da realidade e para a fundamentação crítica do próprio conhecimento".³ A primeira coisa que salta à vista, se esta definição é correta, é o caráter absoluto da afirmação segundo a qual *qualquer* filosofia — de *qualquer* filósofo — é uma tentativa de explicar a *essência da realidade*. O segundo aspecto é este: se a definição é correta, toda filosofia deve possuir uma fundamentação epistemológica.

Se olharmos para a história da filosofia vemos que isto, no entanto, não é verdadeiro pois não se aplica a todos os sistemas filosóficos que realmente existiram e existem. Ou seja, nem todas as filosofias pretendem explicar essências; há algumas, inclusive, que não só negam a possibilidade de as conhecermos, mas negam a existência mesma de tais essências. A história da filosofia conhece várias posições não essencialistas (tanto no âmbito metafísico quanto no epistemológico: o ceticismo, o agnosticismo, o nominalismo, o idealismo berkeleyano, o fenomenalismo e o relativismo). Aliás, só as chamadas filosofias essencialistas caberiam dentro da definição proposta pelo colega. E, deste modo, se a definição fosse correta, todo tipo de não-essencialismo ou de anties-

² O congresso foi organizado pela Universidade Federal de Ouro Preto, entre 7 e 12 de dezembro de 1995, naquela bela cidade histórica.

³ ULHÔA, op. cit, p. 5.

sencialismo se converteria numa posição não filosófica. Assim como teorias filosóficas que não têm interesse epistêmico ou que negam a possibilidade de uma epistemologia fundacionalista (como a que está sugerida na definição).

Vejamos, brevemente, que filósofos ou correntes filosóficas perderiam seu estatuto filosófico caso a definição dada fosse correta. Xenófanes, para começar, não seria filósofo, pois acreditava que não podemos conhecer a verdade total sobre as coisas (porque "os deuses não nos desvendaram tudo aos mortais", porque "tudo é uma rede de conjecturas", porque "se os deuses não tivessem feito o dourado mel, muito mais doces, diriam [os homens], são os figos", isto é, porque o conhecimento é relativo, é uma criação humana etc.). O pirronismo não seria filosófico por acreditar que não podemos saber a essência de nada, pelo qual propõe que suspendamos todo juízo. Os nominalistas medievais, que achavam que os conceitos abstratos não referem realidades essenciais independentes, não seriam filósofos. Occham, Bacon, Hume, Locke e os empiristas e sensualistas, que negam à metafísica sua pretensão de conhecer a essência das coisas, não seriam filósofos. Berkeley, que chega ao extremo de dizer que a substância material não existe, sendo impossí-

vel à metafísica ou à física conhecer quaisquer essências, não seria filósofo. Kant, para quem não é possível conhecer a coisa em si e que chega a dizer que a metafísica nunca deu um passo sequer desde seu nascimento, não seria filósofo. Mach, que afirmou, numa linha kantiano-berkeleiana, que por trás das aparências fenomênicas não há nada e, portanto, nenhuma essência a ser conhecida, não seria filósofo. O Wittgenstein do *Tractatus*, que nega a possibilidade da existência mesma da filosofia e que começa uma cruzada antimetafísica, não seria filósofo. O Wittgenstein das *Investigações*, que sepulta a filosofia tradicional como um todo, não seria filósofo; o mesmo aconteceria com Quine e com notáveis figuras da filosofia contemporânea, como Rorty e Foucault. Como vemos, a lista de figuras reconhecidas como filósofos (reconhecidas pelo próprio colega, que cita alguns deles como filósofos) é interminável. Caso o colega Joel tivesse razão na sua definição, ficaria fora da caracterização de 'filósofo' quem certamente é um filósofo. O que prova, conseqüentemente, que a definição não reflete o que de fato é a filosofia, caso contrário, não ficaria de fora como não filósofo o que todos sabemos que é filosófico, assim como não ficariam fora da categoria de filósofos

tantos pensadores reconhecidos unanimemente como tais!

No quarto parágrafo da primeira página do seu artigo, o colega afirma:

A Filosofia é isso desde as origens, e é isso na obra de cada filósofo, *qualquer que seja o conceito que dela se tenha ou se defenda* [minha ênfase].⁴

Isto é contraditório, pois se um filósofo define a filosofia como a explicação das aparências e nega a existência de essências, tal filósofo não poderia ser considerado filósofo pela definição anteriormente fornecida. De fato, "*qualquer que seja o conceito que dela se tenha ou se defenda*" inclui, certamente, definições antiessencialistas de filosofia. E o próprio colega Joel, corretamente, afirma, poucas linhas depois, algo que colide frontalmente com sua última asserção:

... mudados os conteúdos dos conceitos e dos princípios, ou seja, *mudada a natureza do objeto e portanto a natureza do sistema* [minha ênfase], temos "uma outra Filosofia"...⁵

Muito bem dito. Temos *uma outra filosofia* e, conseqüentemente, *outra concepção do que é a filosofia*. E, segundo o que o trecho implica

(com o qual concordo plenamente), haverá tantas filosofias como maneiras diversas e até opostas de conceber-se a natureza do objeto e do sistema filosóficos. Haverá, então, tantas concepções de filosofia como objetos filosóficos possam imaginar-se e propor-se. Ora, sendo isto assim, então a definição de filosofia como explicação da essência da realidade refere só aquelas filosofias que, de fato e pelo seu objeto específico de estudo, se proponham tal coisa, deixando concepções de filosofia não essencialistas de fora.

O colega Joel, no entanto, não está só na sua posição, pois ela é partilhada por grandes nomes da filosofia. Partilhada, aliás, nada mais nada menos que por Platão e Aristóteles! Os dois, é bom lembrar, grandes essencialistas. A minha tarefa, então, neste meu intuito de criticar esta posição, não é pequena, pois não é fácil encontrar argumentos contra estes pilares da história da filosofia. Não é fácil..., mas também não é impossível.

Meu argumento, não obstante, é simples: nem todo filósofo, anterior ou posterior a Platão e Aristóteles, concorda que a filosofia seja busca de essências. Isto nos leva a dizer: então Platão e Aristóteles são os únicos filósofos, ou, então, Platão, Aristóteles e outros que não concordam com eles, são *todos*

⁴ Loc. cit.

⁵ Loc. cit.

filósofos. Neste último caso, porém, devemos ou mudar nossa definição para que todos aqueles (que sabemos que são filósofos) caibam na definição, ou encontrar outros critérios não definicionais. Esta última é a minha posição já que, como adiantei, não acho possível que se dê qualquer definição sem que fique de fora este ou aquele filósofo. Não vejo como possa dar-se uma definição que consiga aglutinar concepções antagônicas, incompatíveis e incomparáveis entre si.

Toda definição que procura estipular um objeto filosófico, cujo estudo demarcaria o filosófico do não filosófico, está, portanto, fadada ao fracasso. Se não por outra razão, pelo simples fato de não existir um objeto filosófico privilegiado. Alguém poderia dizer: 'a verdade' é esse objeto. E, novamente, se esta definição fosse correta, ficariam de fora os céticos e agnósticos (e inclusive Nietzsche, para quem a verdade é uma invenção dos gregos).

Assim, a afirmação do colega Joel de que "a *compreensão* do conceito [de filosofia] é a mesma" em todos os casos em que se diz "a filosofia de X, Y, etc.", é falsa se a atrelamos à sua definição.⁶ Mas, e

isto é muito interessante, *num outro sentido* ela é verdadeira (num sentido não definicional). Antecipo uma solução ao quebra-cabeças: uma coisa é o que os filósofos, este ou aquele, acha que a filosofia *deve ser*, outra coisa é o que a filosofia, de fato — isto é, historicamente —, *tem sido*. E ela tem sido e é não precisamente o que este ou aquele filósofo achava que devia ser. Aqui está o nó da questão. A filosofia, isto é inquestionável, chegou a ser muitas coisas. (Tantas que é logicamente impossível querer compatibilizá-las reduzindo-as a uma mesma definição sem adulterá-las.)

Para complicar este cenário, nem todos os filósofos coincidem em qual é o objeto do filosofar, qual é ou deve ser o método filosófico e como deve ser concebida a própria filosofia! Os filósofos idealistas não têm a mesma compreensão de 'filo-

concepções antagônicas e incomparáveis de filosofia, idealistas e materialistas, dogmáticos e céticos, realistas e nominalistas, tradicionalistas e não tradicionalistas, são *todos* filósofos (apesar deles definirem como *não filosófico* aquilo que não vai ao encontro do que concebem como filosófico). Isto parece uma contradição mas não é, pois uma coisa é *definir* e outra, bem diferente, *constatar*. (Pois é através de uma simples constatação que podemos perceber claramente que *filosofia* não se reduz àquilo que foi *definido* como tal.)

⁶ Se, pelo contrário, nos abrimos à prática filosófica como ela aconteceu na história, podemos dizer: apesar de terem

sófia' que a que dos materialistas; os céticos não compreendem que a tarefa filosófica seja aquela que os dogmáticos asseguram que é, etc. Além do mais, dentro da mesma corrente filosófica, as discrepâncias são profundas. Como muito bem diz meu colega, não só um filósofo é diferente do outro quanto ao tratamento dos temas, problemas e conceitos, mas, também, um determinado filósofo usa o mesmo conceito diferentemente.

Um filósofo é, então, diferente de outro filósofo porque seus conceitos e princípios são diferentes, não fazendo nenhum sentido, por exemplo, uma pergunta como a seguinte: "o que quer dizer *o ser*, em Filosofia? O correto é perguntar: "o que quer dizer *o ser*, na Filosofia do filósofo X?" É freqüente, até, um mesmo termo ter vários significados na obra de um mesmo autor. A mesma palavra pode traduzir "realidades diferentes", segundo o sistema.⁷

Ora, o que vale para o conceito *ser* vale para o conceito *filosofia*. Posso valer-me do mesmo exemplo do meu colega e dizer quase que *ipsis litteris*:

[Um filósofo é, então, diferente de outro filósofo porque seus conceitos e princípios são diferentes, não fazendo *nenhum sentido*, por exemplo, uma pergunta como a seguinte: o que quer

dizer *filosofia* em filosofia? O correto é perguntar: o que quer dizer *filosofia* em Platão, o que quer dizer *filosofia* em Aristóteles, em Kant etc? É possível, até, *filosofia* ter mais de um significado na obra de um mesmo autor (como no Kant pré-crítico e no crítico e no primeiro e no segundo Wittgenstein, para citar dois casos).]

Veja-se, *o que é filosofia* difere de autor para autor, como o meu colega também pensa, e, conhecendo as limitações da indução, não é possível derivar uma definição de filosofia a partir de uma inferência desse tipo (aliás, não faria o menor sentido). Se todos tivessem a mesma compreensão do que é filosofia, não haveria correntes filosóficas antagônicas e tampouco haveria debate filosófico. O que a história da filosofia mostra é exatamente o oposto: que ela é a história do confronto, do debate, da luta entre posições irreconciliáveis e até incomensuráveis entre si. (Razão pela qual a filosofia é descontínua — mas este é tema para outra discussão.) E é justamente por causa disto que o colega Joel está certíssimo numa outra afirmação: a de que nos referimos à filosofia com expressões como 'a Filosofia de Descartes', 'a Filosofia de Kant', etc. Tenho escrito num outro lugar,⁸

⁸ Novo mundo, velhas filosofias. *Ciências Humanas em Revista*, Goiânia, v.4, n. 1/2, p. 35-53, 1994.

⁷ *Ibid.*, p. 6.

nesta mesma linha, que não existe a *Filosofia*, em singular e com maiúscula, mas filosofias, assim, no plural e em letras minúsculas. E, nisto, o colega Joel e eu estamos perfeitamente de acordo.

Se a filosofia consistisse no estudo de essências, a pluralidade de posicionamentos filosóficos seria impossível. E isto por uma razão simples: não pode haver essências opostas. Mesmo entre essencialistas, uns acham que a essência das coisas é imaterial e outros acham que é material. Isto acontece desde o início do pensar filosófico. Os primeiros filósofos gregos, os pré-socráticos, divergiam sobre a qual seria a natureza das coisas (o que poderíamos chamar princípio essencial das coisas). Era algo determinado? Para uns, sim, como para Tales (a água) e para Anaximenes (o ar). Já para Anaximandro (discípulo de Tales) não podia ser algo determinado (o princípio de todas as coisas era o indeterminado, o *apeiron*). Se a filosofia fosse o estudo das essências da realidade, ou todos coincidiriam em afirmar as mesmas coisas ou, então, só um entre todos os filósofos mereceria o nome de filósofo, aquele que tivesse acertado em determinar quais são tais essências. E, claro, surgiria o problema de que critérios deveríamos usar para determinar quem é o verdadeiro e único filósofo.

Certamente seria aquele que *nos parece* ter razão, aquele com quem concordamos. Esta posição nos leva à situação incômoda de ter que afirmar que, no fundo, só existiu um filósofo! Por que um? Porque, dificilmente, entre aqueles filósofos que falam de essências, há dois que coincidam em quais são tais essências. (E já escutei, vários anos atrás, dizer que um colega linha afirmado que entre os pré-socráticos só Heráclito e Parmênides são filósofos, porque são os únicos que tratam o problema do ser.) Este é um dos graves problemas com as definições de filosofia. Se a filosofia for o estudo do ser, ou da essência do real, então a maioria dos pensadores que chamamos filósofos, e que não concordam com isto, deveriam deixar de ser considerados como tais, e a lista de filósofos se reduziria a um ou dois.

Por tudo isto, concordo plenamente com o colega Joel quando afirma "Cada filósofo cria, portanto, a '*sua* Filosofia', e a História da Filosofia é constituída de 'Filosofias'." No entanto, se o colega está certo nisto, como eu acho que está, não é possível que o esteja na sua definição de filosofia, pois esse número enorme de filosofias na história da filosofia não é só um grupo heterogêneo de sistemas, mas um grupo que inclui posições teóricas

contraditórias, excludentes, incommensuráveis, isto é, de tão diferentes, incomparáveis e intraduzíveis entre si. E o colega Joel o diz muito bem e claramente (aliás, seu artigo tem, entre outras, a enorme virtude de ser muito claro): "A mesma palavra pode traduzir 'realidades diferentes', segundo o sistema."⁹ Consequentemente, se uma mesma palavra pode "traduzir" realidades diferentes *dentro de um mesmo sistema*, imaginem quantas realidades diferentes poderiam ser referidas por sistemas diferentes e até opostos. E isto porque não existe, propriamente, uma só realidade na qual todos estejamos inseridos. Existem *realidades* pois existem contextos históricos diferentes.¹⁰ Deste modo, penso que cada realidade diferente produz uma filosofia diferente. A existência de filosofias diferentes não faz mais do que sugerir a existência de realidades diferentes das quais as primeiras são expressão. Mas não é só isso, as filosofias diferentes de uma mesma época são expressões dos modos diferentes de se viver tal realidade

e de se problematizar diferentemente essa realidade.

Sobre a alternativa *ser ou não ser filósofo*, o Prof. Joel tece uma série de considerações extremamente interessantes e que não posso deixar de comentar. Diz ele:

quando pretendemos defender conceitos [filosóficos] ou propô-los como legítimos, de duas uma: ou temos já construído o nosso próprio sistema filosófico, que lhe dê sentido — e aí seríamos verdadeiramente criadores de uma filosofia — ou adotamos, depois de muito meditar e refletir, um sistema, dos muitos que constituem a história da Filosofia, para respaldar esses conceitos, legitimá-los.¹¹

O Prof. Joel está introduzindo aqui um assunto muito sério e muito delicado.¹² Está tratando da diferença entre o verdadeiro filósofo e o mero comentador de textos filosóficos. De fato, as perguntas que neste país exigem resposta são estas: 1) Eu e você, quando é que vamos fazer filosofia? 2) Que condições são necessárias para você e eu, nós, *aqui no Brasil*, filosofarmos?

As opções que ele dá são exatamente as únicas que existem: ou construímos um sistema filosófico

⁹ Ibid., p. 6.

¹⁰ Esta é a tese que mantive na minha dissertação doutoral em Indiana, na qual proponho uma nova posição epistemológica por mim denominada de *realismo histórico*.

¹¹ Ibid., p. 6.

¹² Delicado para quem quer *fazer* filosofia, para quem quer *ser filósofo* e não um simples comentador.

próprio, ou adotamos um outro já existente ("depois de muito meditar e refletir"). Disto só é possível concluir que, no primeiro caso seremos filósofos e, no segundo, especialistas, eruditos, conhecedores, comentaristas, tudo isto, menos filósofos. Se é isto que o colega diz, eu assino embaixo, *com todas as letras*. Pois me parece que, se temos uma questão filosófica a ser resolvida e sabemos que já foi apresentada num momento da história da filosofia e uma ou outra solução proposta, então, ou aceitamos uma proposta já existente como se fosse nossa, ou não a aceitamos e propomos uma diferente, isto é, diferente das que, até onde nosso conhecimento vai, não foi proposta por ninguém. No primeiro caso, quando adotamos uma solução já dada à questão que nos perturba, não nos convertemos em filósofos e sim em discípulos de algum filósofo. Esta última é, certamente, uma relação externa com a filosofia. Só o instante em que propomos uma outra solução, uma nova solução, mesmo sobre um problema antigo — pelo menos em nome —, é que entramos na história da filosofia como filósofos (bons ou ruins, conhecidos ou desconhecidos, não interessa); ou quando tentamos resolver um problema que até hoje, segundo nosso entender, não foi descoberto ou encontrado por nin-

guém, ou quando, existindo o problema, é a sua solução que não nos satisfaz.

Naquele primeiro caso se encontra a maioria dos professores de filosofia do Brasil: são comentadores e especialistas em filósofos não-brasileiros. Dificilmente têm alguma novidade filosófica, a não ser uma novidade de interpretação, alguma novidade hermenêutica. Ou são excelentes historiadores. Mas, convenhamos, um historiador de arte não é artista, um historiador de literatura não é um literato, assim como um historiador da ciência não é cientista. Peço que não se entenda isto como um ataque aos professores de filosofia no Brasil, mas como uma crítica a uma situação lamentável: por que, na filosofia, o Brasil não tem um Heitor Villa-Lobos, um João Gilberto, um Tom Jobim, um Cândido Portinari, um Chico Buarque, um Milton Nascimento, todas elas figuras valorizadas no mundo inteiro como grandes nomes da música e da pintura mundiais, e que representam a música e a pintura *brasileiras*?

Esta falta de uma verdadeira atividade filosófica no Brasil se deveria, a partir do que estamos discutindo, ao fato de os professores de filosofia no Brasil se contentarem com as soluções dadas aos problemas filosóficos, ou, pelo que se infe-

re do artigo do colega Joel e da minha própria posição já publicamente defendida, por não encontrarem um problema novo, nem proporem uma solução própria, original, a um problema conhecido. Vejam, se nós concordamos plenamente, por exemplo, com a solução dada por Platão aos problemas que ele enfrentou, então não nos resta nada por fazer. Só, talvez, repetir ou explicar para os outros quais foram os problemas e quais as soluções. O momento, porém, em que *avaliamos* tais soluções e encontramos falhas, inconsistências, buracos, equívocos, quando percebemos que havia outras saídas não percebidas por Platão, quando descobrimos outras possíveis soluções, soluções mais verossímeis ou consistentes, ali deixamos de ser historiadores e passamos a ser criadores, inovadores, construtores de um pensamento filosófico, ou seja, filósofos.

Daí por que temos que conhecer a História da Filosofia, e se possível muito bem, como aliás a conheceram, sempre, os grandes filósofos — até para tentarmos avançar, inovar, criar. A criação, para ser racional e consciente, pressupõe a percepção da “novidade”, o que implica, obviamente, que saibamos a partir do quê estamos criando ou o que estamos rejeitando.¹³

Concordo com isto mas gostaria de fazer algumas reflexões. Não me parece, como poderia surgir de uma interpretação deste parágrafo, que a condição prévia para se fazer filosofia seja um conhecimento exaustivo da história da filosofia. Penso que isso até pode atrapalhar. O conhecimento da história da filosofia por parte do filósofo se faz necessário na medida em que ele é obrigado a contrastar suas soluções com as soluções já dadas, *caso as questões sejam semelhantes às das tradição*— ou porque ele, a partir de um problema filosófico conhecido, e discordando das soluções já dadas, propõe suas próprias soluções, ou porque ele simplesmente procura algum tipo de esclarecimento ou ajuda na história da filosofia para seus problemas (até para ver se seus problemas já foram conhecidos pelos outros filósofos, antigos, medievais, modernos ou contemporâneos). Existe, contudo, a possibilidade de um pensador encontrar problemas que jamais foram pensados por filósofos anteriores.¹⁴ Neste caso ele não precisa conhecer história da filosofia como um 'especialis-

¹³ Loc. cit.

¹⁴ Há problemas que por si sós já indicam a impossibilidade de terem existido noutras épocas, como os problemas éticos com que nos desafia hoje a engenharia genética.

ta! Isto mostra que o conhecimento exaustivo, erudito, da história da filosofia, de todas as suas épocas e todos seus autores, não é necessário para a criação filosófica. Tanto isto é verdade que, em geral, a filosofia avança porque *novos* problemas aparecem. Se são novos, obviamente, os filósofos conhecidos não poderiam ajudar-nos em muito para resolvê-los. Só em certos casos é possível encontrar num outro filósofo uma solução a um problema novo. E quanto mais distantes os filósofos no tempo, mais difícil será acharmos qualquer dica ou ajuda para os nossos problemas contemporâneos. Como diz meu colega Adriano Naves de Brito, a filosofia pode se aprender a partir do estudo de qualquer época da filosofia, não necessariamente na sequência histórica em que ela se deu. Isto é uma verdade tão óbvia que, por exemplo, em nada nos ajudaria a história da filosofia para entendermos o *Tractatus* de Ludwig Wittgenstein! E, certamente, nada há na filosofia antiga ou medieval que nos permita entender as belíssimas e revolucionárias *Meditações* de Descartes (a não ser que, como eruditos, e não filósofos, queiramos fazer de Descartes um medieval, o que sempre é possível).

Mas, voltando ao artigo do Prof. Joel, o parágrafo citado acerta

em cheio quando estabelece uma necessidade para a continuação da filosofia: “avançar, inovar, criar”. E, como diz a seguir, é fundamental a percepção de que se está inovando, “o que implica, obviamente, que saibamos a partir do quê estamos criando ou o que estamos rejeitando”. Belamente dito! E magnificamente exemplificado no próprio artigo. O colega não está dando uma definição que se possa encontrar — que eu saiba — em nenhum filósofo conhecido. (O fato de Platão e Aristóteles serem essencialistas não significa que eles tenham fornecido uma definição essencialista de filosofia, como a que aqui estamos discutindo). A definição do Prof. Joel, apesar de estar entre aspas no texto original, não é uma citação,¹⁵ é o que ele propõe. Isto é valioso pois aí radica, justamente, a novidade, a criação, a contribuição do colega à filosofia. Vejo-o como querendo resolver, ao seu modo, um problema fundamental e difícil da filosofia: *aquilo que se chama filosofia... é o quê?* Aliás, uma coisa notável do artigo é que não é uma coletânea de citações dos filósofos famosos. As citações estão reduzidas ao estritamente necessário e no final do artigo, quando

¹⁵ Suponho que seja um mero escrúpulo do colega ou um recurso estilístico.

todas as considerações essenciais já foram feitas e a argumentação foi encerrada.¹⁶ E aquelas citações finais são até dispensáveis no que respeita ao problema essencial: o da definição de filosofia. As duas primeiras páginas do artigo não têm nenhuma citação e sim um conjunto de teses de rico conteúdo filosófico original. É um filósofo que está falando por si só, sem usar um outro como muleta, como escudo. Quero insistir nisto, não é pelo fato de eu concordar com certas afirmações do colega que acho que o artigo tem valor, nem pelo fato de discordar de outras sugiro o oposto. Eu posso discordar absolutamente de uma outra posição filosófica e nem por isso considerá-la menos filosófica. Muito pelo contrário. Os que têm notícia das coisas que público sabem que discordo *quase que absolutamente* das filosofias de Platão e Descartes, e nem por isso me passa pela cabeça a peregrina idéia de que são filósofos menores ou não-filósofos. E, pelo contrário, tampouco considero mais filósofos

¹⁶ Lamentavelmente, muitos estudantes são levados a crer que, quanto mais citações, melhor e mais 'sério' o artigo. Esquecem que há citações relevantes e irrelevantes, as que formam parte de um argumento ou uma prova filosófica e as que são empregadas para dar a impressão de grande erudição.

aqueles com quem concordo. Adoro Rousseau, por exemplo, mas ele em nada tem acrescentado à minha evolução e reflexão filosóficas, o que não tem ocorrido com Platão que é uma fonte constante de desafio, inquietação e criação filosóficas. Uma coisa não tem nada a ver com a outra. Penso que uma doutrina filosófica pode estar totalmente equivocada e nem por isso deixar de ser uma grande doutrina filosófica — como tenho dito noutros lugares mas acho importante repetilo aqui para não dar a impressão de que quero diminuir ou enaltecer o artigo do colega. O artigo tem o valor que tem independentemente do que eu ou qualquer outro possa achar: é valioso na medida em que seu autor ache que ele resolve um problema. Assim como meus artigos têm um enorme valor para aquele a quem eles resolvem graves problemas filosóficos: eu mesmo.¹⁷

No final da página seis há outras considerações dignas de serem comentadas. O conhecimento da história da filosofia não pode ser dogmático. Isto leva o seu autor a

¹⁷ Penso que o filósofo escreve, em primeiro lugar, para si mesmo..., e isto nada tem a ver com egocentrismo; tem a ver com uma necessidade vital, com uma paixão e uma urgência incontroláveis por resolver os enigmas que só se domina pensando e escrevendo.

rejeitar a chamada especialização numa determinada filosofia, num determinado autor. Contra estes especialismos eu tenho me manifestado em outras oportunidades, mas vale a pena lembrar algumas coisas. Parece-me simplesmente impossível, realmente, alguém se especializar no que um outro autor pensa. E isto porque acho impossível ser especialista de si próprio. (Quem, realmente gostaria de ser especialista de si próprio? Depois de escrever e corrigir meus artigos, dificilmente os leio de novo: Chegam a me enjoar. Borges o diz muito bem: *a gente publica um livro para livrar-se dele*. E quem gostaria de ter um vizinho especialista nele? Você gostaria de ter alguém especialista em você? Não seria um suplício saber-se previsível para outra pessoa?) Além do mais, se fosse possível ser especialista em outra pessoa, por que não direcionar toda essa capacidade para resolver assuntos próprios? Para dizê-lo nas palavras do Prof. Joel:

O conhecimento da História da Filosofia, no entanto, não pode ser nem dogmático — ou seja, porque “me especializo” numa determinada Filosofia (num determinado filósofo) ela passa a ser paradigma, modelo da verdade, etc., com o que acabamos por negá-la enquanto Filosofia, porque a transformamos num mito, vale dizer, na “palavra final” (sentido do mito) — nem voltado para a erudição memorizativa,

que nos transforma em dicionários ambulantes de doutrinas de que se sabe fazer precisas descrições. O estudo da História da Filosofia tem sentido, no meu modo de entender, principalmente porque nos permite compreender como é que a filosofia se manifesta na história (...) Em termos mais claros, isto quer dizer tentar compreender a relação que existe entre os conceitos de uma Filosofia e os problemas que suscitaram a produção desses conceitos.¹⁸

Costumo dizer, nas minhas aulas de filosofia, duas coisas: (a) que a história da filosofia não é mais do que uma 'problemologia', a história de problemas e suas tentativas de solução. (Não vejo como possa ser interessante estudar um filósofo se não é através da busca dos problemas e suas soluções.) E, (b) que cada uma das filosofias não são mais do que biografias intelectuais dos diferentes filósofos, ou seja, de que cada filosofia não é mais do que: esta é a história de como foram aparecendo os problemas na minha vida e como tentei resolvê-los. Por isto não posso deixar de concordar com esta feliz conclusão do colega:

Fora disso, um texto filosófico, por maior e mais notável que seja o seu

¹⁸ Ibid., p. 6-7.

autor, não é objeto muito digno de um esforço filosófico de leitura.¹⁹

E, justamente por achar esta conclusão extremamente afortunada, considero pouco feliz uma pequena parte da que a segue — com cuja tese principal concordo:

Cada filósofo tem a sua Filosofia (refiro-me aos gênios fundadores), ou seja, o seu modo próprio de teorizar ou de explicar a realidade, de identificar problemas, de perceber a problematidade dos problemas, de tentar deslindá-los e de organizar tudo num discurso coerente que chamamos de “a sua Filosofia”.

Considero desafortunado só o que está entre parênteses porque tende a perpetuar a falsa idéia de que para ser filósofo a pessoa deve ser um gênio. Num artigo que sairá publicado proximamente conto o caso em que me acusaram de querer ser original, e quem me acusou de querer ser original disse que ele não era gênio e por isso não pretendia, como eu, ser original. Eu não penso que genialidade seja uma condição *sine qua non* da criação filosófica. Tenho conhecido e tratado pessoalmente filósofos, lógicos e matemáticos vivos mundialmente famosos, que, apesar de terem feito grandes contribuições nos seus respectivos

campos, não me pareceram uns gênios, isto é, não me pareceram diferentes do comum dos mortais que conheço. Um deles, particularmente, vai passar à história da matemática por ter descoberto um lema que leva seu nome, o Lema de Smullyan. As pessoas que o conhecem o adoram, entre outras coisas, pela sua simplicidade e calor humano.²⁰ Com toda franqueza, não me parece que Quine, que Rorty, que Castañeda, que Kripke sejam gênios. É, aliás, muito difícil determinar isso, porque temos a tendência a dizer que são gênios aqueles que mantêm as posições que nos são caras e que os que as opõem são uns imbecis. Aquela identificação entre gênio e filósofo é desafortunada deste outro ponto de vista impor-

²⁰ Conheci o Prof. Smullyan em Indiana. Às vezes me fazia perguntas sobre filosofia, pois ele, como matemático e lógico, não conseguia entender algumas coisas que os filósofos diziam. Isto, no início, me deixava perplexo. “Como — pensava eu — o Smullyan, sendo o matemático que é não consegue entender isto ou aquilo? Será que está zombando de mim?” Mas não estava, sua falta de compreensão era autêntica. Era implacável no seu interrogatório; não me deixava enquanto não ficasse contente com esta ou aquela explicação. Depois ia embora, falando sozinho, sem antes, quiçá como um gesto de gratidão, tirar moedas ou cartas das minhas orelhas. Já disse que o Prof. Smullyan também era mágico?

¹⁹ Ibid., p. 7.

tante: pedagogicamente. Pois os alunos, acostumados a ver que seus professores louvam os filósofos como gênios, como grandes iniciados, como semideuses, perdem todo o estímulo para querer fazer algo na filosofia pelo argumento simples: se alguém é filósofo somente se é um gênio, e eu não sou gênio, então não posso ser filósofo!

Isto, particularmente, eu tenho combatido aqui em Goiânia desde que cheguei. Certamente, eu não sou um Aristóteles, nem um Euclides, nem um Ptolomeu. Mas sei mais lógica que o criador da lógica, mais geometria que o pai da geometria e mais astronomia que o pai da astronomia. E não eu, mas qualquer estudante de segundo grau já sabe mais do que todos os antigos gregos juntos. Aqui sigo Bacon, que insiste que velhos, maduros — sábios, isto é — somos nós, os contemporâneos; e os gregos são para nós como as crianças para os adultos. Nós sabemos mais ciência do que todos os filósofos falecidos antes da primeira metade do século XX. Isto é, sabemos mais física, mais biologia, mais matemática, mais astronomia etc, etc, etc. Se para fazer filosofia é desejável ter um conhecimento amplo e profundo do mundo que nos rodeia, então, estamos em melhores condições do que eles para fazer filosofia. Como digo num editorial em *Ciências*

Humanas em Revista/Filosofia: nunca se fez tanta filosofia, nem tão boa, como neste século.

Demos o crédito aos antigos e aos filósofos do passado que o merecem, mas não ao preço de minimizar-nos, de diminuir-nos e achar que não podemos discutir com eles. Por que não deveríamos discutir com eles se, epistêmica e filosoficamente, estamos em melhores condições do que eles, assim como o físico contemporâneo está a respeito do físico do passado, o biólogo contemporâneo em relação ao biólogo do passado, o geômetra contemporâneo em relação ao geômetra do passado? Se isto vale para as ciências por que é que não valeria para a filosofia? Até agora não recebi uma resposta a esta pergunta. Pelo que, insisto, não nos diminuamos com respeito aos filósofos do passado, respeitemo-los sem deixar de respeitar-nos.

Tirando, então, aquela frase entre parênteses (o que já mostra que a importância que o colega lhe atribui não é central), o texto recobra toda sua força filosófica. Fazendo isto cobra força, consequentemente, o resto do parágrafo, no qual se deixa claro que, de fato, não precisamos ser gênios para filosofar. Isto o diz o Prof. Joel da seguinte maneira:

O bom leitor ou o estudioso da Filosofia deve procurar entender e distinguir isso, *até para vir a ser, quem sabe, ele próprio, também, um privilegiado inovador, um privilegiado criador de uma nova Filosofia* [minha ênfase].²¹

O que, trocando em miúdos, significa que para vir a ser um privilegiado inovador, isto é, um verdadeiro filósofo, o estudioso da filosofia deve (a) entender que por trás de um sistema filosófico há uma problemática cuja solução é o conjunto de teses que compõem o sistema e (b) que, para ser filósofo, deve reconhecer problemas e tentar resolvê-los *ele mesmo*. A questão da genialidade é, então, dispensável enquanto condição *sine qua non*. (Aliás, gostaria de referir uma afirmação atribuída a Beethoven: minhas criações são dez por cento inspiração e noventa por cento trabalho.) O que acho fundamental para se fazer filosofia é ter uma imensa paixão. Num artigo pedagógico o próprio Prof. Joel começa suas considerações citando isto de Hegel: "Nada de grande se faz sem paixão." E nisto está coberto de razão.

Na segunda parte do parágrafo citado há um período subordinado muito importante. Nele o Prof. Joel faz uma distinção muito pertinente

entre questão e problema. E isto, aliás, é um outro argumento que fortalece a tese de que a filosofia não é, exclusivamente, estudo de essências. Diz o colega:

Em esse esforço [o esforço mencionado na citação anterior] ele [o estudioso da filosofia que pode se converter em filósofo] vai percebendo certas identidades, certas empatias e certas simpatias — talvez devido à natureza das questões (das *questões* e não propriamente dos "problemas", porque estes provavelmente variam das circunstâncias do filósofo para as circunstâncias do leitor. Por exemplo: a questão ou tema da "liberdade" pode ser atraente para um dado leitor que, por isso, se sente interessado, digamos, em Rousseau, mas o *problema* da liberdade em Rousseau certamente não será o mesmo que para o seu leitor de hoje, etc.) — e, ao perceber isto, ele vai, pouco a pouco, se aproximando de uma Filosofia que parece poder ajudá-lo a refletir filosoficamente sobre *os seus* (dele, leitor, de um outro tempo e lugar) problemas.²²

Segundo este raciocínio, a filosofia é uma tarefa histórica, é filha da sua época, exatamente no sentido hegeliano. Para Hegel, a filosofia não pode escapar à sua época assim como ninguém pode escapar da sua própria pele. Correto. Isso explica que, apesar de alguns temas ou questões serem os mesmos, ou

²¹ Loc. cit.

²² Loc. cit.

pelo menos serem nomeados com a mesma palavra, o problema é diferente. Isto é, a questão da liberdade, tal como é problematizada por Rousseau, não tem que ser problematizada da mesma maneira por aquele leitor que, no século XX, quase XXI, o fizer. O que nos leva a dizer que a questão da liberdade em Rousseau e naquele leitor contemporâneo do exemplo não é, estritamente, a mesma questão, pois não é o mesmo problema (apesar de que a palavra seja a mesma). Disto se depreende que os problemas são substancialmente distintos apesar de serem batizados com o mesmo nome. Ou seja, os conteúdos filosóficos são outros, são novos, sua significação é determinada historicamente, contextualmente. Numa palavra, se a filosofia como tal é concebida diferentemente, então é por isto que não podemos defini-la como sendo o estudo de isto ou aquilo. O conteúdo do artigo do Prof Joel, portanto, é o melhor argumento contra a definição apresentada.

Este belo parágrafo continua assim:

Há uma maneira de desenvolver a reflexão, um modo de caminhar, um estilo, um modo de problematizar, de cercar as questões, de sentir o mundo, etc., que o atraem e que ele, leitor, pode, com proveito, adotar, testar, experimentar, no seu tempo e lugar,

no seu esforço próprio de filosofar. [Tudo isto é] *sabedoria*, vale dizer, é *philos sophia*, e nos ajuda a avançar, pelo pensamento, numa atitude filosófica...²³

Muitas vezes falo para meus estudantes, seguindo a linha de raciocínio anterior segundo a qual a filosofia de cada filósofo não é mais do que uma autobiografia intelectual,²⁴ que a filosofia de cada autor reflete seu modo particular de ser. E que fazemos filosofia como andamos, como falamos, isto é, de uma certa maneira: *a nossa*. Não se trata, em síntese, de fazermos *a filosofia certa*, mas de, pelo menos, fazermos *uma certa filosofia*, a que corresponde a uma certa maneira de ser: *a nossa*. A filosofia, no fundo, é expressão do mais íntimo do nosso caráter; o calculista tende a uma filosofia racionalista, o romântico, a um tipo de filosofia em que a parte emotiva retoma importância, o interessado por questões sociais tende a uma filosofia mais política, menos contemplativa, e por aí vai. Uma coisa parecida diz da matemática o grande matemático francês Henri Poincaré. Olhando os textos dos matemáticos percebemos que quem tem uma mentalidade espacial faz

²³ Ibid., p. 8.

²⁴ O que, aliás, mantenho no meu artigo *A indefinibilidade da filosofia*.

as suas provas geometricamente, já aquele que tem uma mentalidade analítica faz as suas algorítmica ou teoremativamente. A obra de cada um reflete suas inclinações e habilidades. E isto só pode ser assim, é natural que assim seja. A filosofia é e deve ser, portanto, expressão do nosso mais íntimo ser, da nossa originalíssima maneira de ser. Repito: a filosofia de cada um não é mais do que sua autobiografia intelectual e leva estampada na testa a personalidade do seu autor.

Faço minhas, em consequência, as palavras do Prof. Joel quando se apresenta contrário — pelo menos assim o interpreto — ao 'especialismo' na filosofia. Ser filósofo não consiste em saber citar, em detalhes, trechos inteiros deste ou daquele filósofo do qual declaramos sermos especialistas. É passar para os alunos a relação entre os problemas e as teses (soluções) que os filósofos propõem nos seus textos. E esta é uma relação *histórica*, não "cai do céu", como o colega muito bem adverte. A compreensão da filosofia, para o Prof. Joel, é:

... a compreensão da *tensão existente entre o filósofo e seu mundo* [minha ênfase], é a identificação dos problemas filosóficos que o mobilizam [o filósofo] e a compreensão da natureza do esforço que desenvolve para resolvê-los, que pode formar-nos para filosofar, para refletir, para produzir e

fazer avançar o pensamento filosófico.²⁵

Estas são as condições para entendermos a filosofia já feita. Mas o colega se perguntou antes, e é essa a pergunta *crucial*:

o que é que eu, que estudei tanto, e tanto 'assimilei', eu, que conheço as obras de tantos filósofos, o que é que eu devo fazer, e como devo fazer, para assumir a 'atitude filosófica'? O que é, na prática, filosofar? ... Se eu tiver que me manifestar, como filósofo ... sobre um dado assunto, como farei? o que direi? ...²⁶

Vou tentar responder esta questão *urgente para a filosofia no Brasil*, de novo, usando as próprias palavras do colega Joel, com poucas alterações e um acréscimo. Penso que se faz filosofia da mesma maneira em que o colega nos diz que se apreende e compreende. Ou seja,

[Eu farei filosofia quando compreender a tensão existente entre eu e meu mundo, quando identificar os problemas filosóficos que me perturbam e mobilizam e procurar eu mesmo resolvê-los, isto é, resolvê-los ao meu modo, *desde quetaisproblemas sejam realmente novos ou tais soluções sejam diferentes.*]

²⁵ Ibid., p. 8-9.

²⁶ Ibid., p. 8.

Como diz Heráclito: *procurei a mim mesmo*.

Isto conclui a minha avaliação crítica deste artigo claro, simples, original e de grande valor e conteúdo filosóficos. Chamo a atenção, para aqueles que querem aprender filosofia, não para ser comentadores mas para ser filósofos, que observem no artigo do Prof. Joel a falta quase total de citações e, por isso mesmo, saibam apreciar o valor original das idéias *filosóficas*²⁷ apresentadas. Com algumas concordo plenamente, com outras, como a definição de filosofia, discordo rotundamente. Nem um fato nem outro diminui ou aumenta o valor filosófico do artigo estudado. O artigo tem um grande valor filosófico independentemente do que eu e você possamos pensar. O valor filosófico depende de respondermos, objetivamente, a esta pergun-

ta: o artigo pretende resolver algum problema filosófico? O problema ou a sua solução estimulam a reflexão e a criatividade filosóficas? Acho que a resposta é um definitivo "sim!"²⁸

Ainda fica a pergunta: *o que é filosofia?* A resposta é mais simples do que se imagina, porém esconde um desafio: filosofia é aquilo que cada um fizer dela!

Esta pequena afirmação, que não é uma definição e sim uma constatação, é suficientemente abrangente para incluir tudo o que *de fato* foi e é considerado como filosofia e suficientemente pluralista para incluir todas as possíveis formas de se conceber a filosofia, no passado, no presente e no futuro, sem privilegiar esta porque concordamos com ela, sem excluir aquela porque mantemos uma posição contrária.

²⁷ Isto é, não meramente hermenêuticas ou interpretativas.

²⁸ Aliás, devo parabenizar o autor pela clareza e a maneira autêntica de tratar um problema filosófico tão apaixonante. Não é todos os dias que isto acontece.